

ALKANTARA
NO SÃO LUIZ

26-27 NOV
NEVER ODD
OR
EVEN

Filiz Sızanlı & Mustafa Kaplan
Sofia Dias & Vítor Roriz

FESTIVAL
INTERNACIONAL
DE ARTES
PERFORMATIVAS

À CONVERSA COM

FILIZ SIZANLI & MUSTAFA KAPLAN SOFIA DIAS & VITOR RORIZ

SOBRE

NEVER ODD OR EVEN



Fotografias de ensaio de Tiago Moura

Para começar, voltemos à gênese do projeto. Como é que os quatro se conheceram? Como surgiu a ideia de uma criação coletiva? E como é que a desenvolveram?

Encontrámo-nos pela primeira vez em junho de 2019 numa residência artística em Lisboa, onde durante duas semanas partilhámos as nossas práticas, metodologias e até ensinámos uns aos outros pequenos excertos das nossas próprias atuações. Esta residência foi proposta por Claire Verlet (do Théâtre de la Ville, em Paris) que identificou algumas semelhanças (ou complementaridades) entre as nossas obras e depois perguntou-nos se gostaríamos de nos encontrar e conhecer sem qualquer pressão para a continuidade. Esta abertura da sugestão de Claire deixou-nos suficientemente à vontade para nos encontrarmos e vermos o que daí sairia.

Percebemos que apesar de termos abordagens e experiências criativas muito diferentes, partilhávamos o mesmo fascínio pela precisão, linguagem, abstração, pelo minimalismo, e um interesse crescente pela palavra e voz faladas. Para além disso, partilhávamos também muitas das sensibilidades que parecem estar ligadas e ser específicas a colaboradores de longa data. Cada um de nós tem vindo a tra-

balhar de perto e intimamente com o seu parceiro há mais de uma década e inevitavelmente existem algumas dinâmicas de trabalho, conceitos e mesmo experiências formais que são muito semelhantes entre os dois duos.

Assim, durante essa residência em 2019, a ideia de prosseguir esta colaboração começou a crescer e no final já estávamos convencidos de que queríamos continuar a investigar juntos e eventualmente fazer uma peça.

Quais foram as fontes de inspiração para esta obra (musicais, performativas, literárias...)? Por exemplo, mencionam o *Quad* de Beckett, mas também mencionam, de forma mais ampla, o conceito de colaboração no centro do projeto pedagógico e criativo do Black Mountain College: como é que isto vos inspirou concretamente?

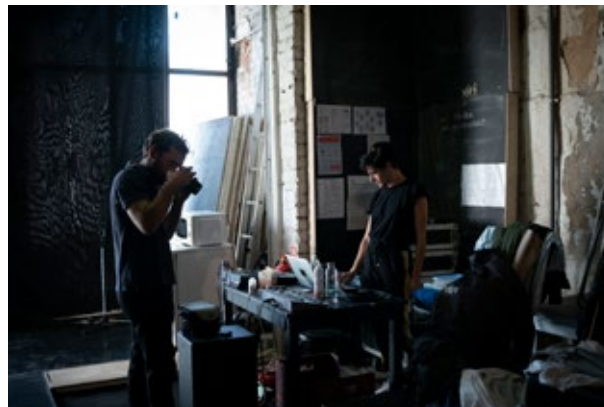
Nas duas semanas de residência em 2019, depois de partilharmos as nossas próprias formas de trabalho, pensamos que era importante mudar a dinâmica do poder entre nós e aprender algo que nenhum de nós sabia de antemão. Era uma forma de nos testarmos numa relação de “aprendizagem”, uma espécie de ignorância partilhada ao enfrentar uma tarefa. Uma das coisas

que aprendemos juntos foi o *Quad* de Beckett, não só devido à nossa admiração comum pelo trabalho de Beckett, mas especificamente porque *Quad* contém alguns dos ingredientes que gostaríamos de aprofundar na nossa investigação: uma pontuação simples e precisa, a noção de duplo e a fusão de identidades. Em *NEVER ODD OR EVEN* é possível identificar vestígios de *Quad* numa espécie de dança folclórica que fazemos.

O que também é curioso em relação ao que tem inspirado o nosso processo é que acabamos por partilhar muitos elementos tradicionais e folclóricos que são específicos de cada uma das nossas culturas. Não planeámos fazê-lo e foi de alguma forma tacitamente evitado, mas depois a curiosidade superou os nossos receios de cair numa espécie de armadilha antropológica. Apesar de, na História, o principal ponto de contacto entre as nossas duas culturas ter sido frequentemente no campo de batalha, encontramos muitas interligações

inspiradoras na arquitetura, música, dança e poesia. Concentramo-nos principalmente nas diferenças e na forma como estão ligadas a diferentes formas de compreender e ver o mundo.

O Black Mountain College foi a nossa referência comum para falar da dinâmica das colaborações artísticas e da necessidade de privilegiar a confluência em detrimento da segregação, especialmente no que toca a diferentes visões do mundo. Falámos também da ideia de medo, mais especificamente da necessidade de ultrapassar o medo de partilhar conhecimentos que György Kepes menciona como



essencial para qualquer colaboração. Não seríamos honestos se negássemos também ter esse medo. É preciso uma boa dose de confiança para partilhar o que se sabe sem restrições. Sentimos essa confiança na nossa primeira residência e essa foi a principal razão pela qual decidimos continuar a trabalhar em conjunto. De alguma forma, o processo criativo deste projeto baseou-se nesta confiança mútua na partilha dos mecanismos íntimos que estão associados ao fazer/pensar de cada duo. Mecanismos esses que provavelmente permaneceriam invisíveis sem este encontro, uma vez que só no confronto com o outro, por efeito de espelho, é que se torna possível articular e nomear traços que a princípio podem parecer imperceptíveis.

Poderiam descrever o vosso processo de trabalho: reproduziram os vossos métodos como duplas (passando 1+1 a ser 2+2), ou tiveram de inventar novas formas de fazer as coisas? E o que é que este projeto mudou nos vossos métodos como duo, que perspectivas formais abriu (se tiverem distância suficiente para o avaliar)?

No início tivemos de encontrar uma forma de continuar a nossa investigação à distância. Depois da primeira residência em julho de 2019, só nos reunimos de novo numa residência em outubro de 2021. Entretanto, mantivemo-nos envolvidos numa cadeia de respostas criativas. A distância foi uma contingência que nos fez trabalhar de forma diferente e levou à criação de um pequeno arquivo de vídeos,

imagens, textos, danças, etc. originais. Alguns desses materiais irão integrar o espetáculo, outros apenas coexistirão com o processo.

Se há coisa que aprendemos ao trabalhar em colaboração durante tantos anos é que não se pode ser tomado pela retórica, ou seja, não é porque se elabora muito bem uma ideia que ela vai funcionar. Há uma ética ao colaborar com outros que tem a ver com tentar tudo o que cada um de nós propõe e tentar não deslegitimar qualquer forma de pensar ou de fazer. Desta forma, mantemos e alimentamos as nossas diferenças e somos capazes de deixar lugares comuns. Não significa que façamos coisas que não queremos; mas primeiro tentamos fazê-lo funcionar e quando se torna difícil lidar com isso tentamos mudá-lo a partir de dentro, enquanto experimentamos. Isto é uma ética de trabalho mas também uma política de cuidado e generosidade que tenta equilibrar as relações de poder na nossa dinâmica de trabalho. Além disso, a experimentação e lidar com este tipo de processo interessam-nos muito aos quatro. Isso permite um fluxo sem paragens no processo de criação que é muito prazeroso.

Ambos os duos absorveram algumas coisas dos processos ou modos de fazer um do outro. Por exemplo, uma das duplas aprendeu de alguma forma a incluir erros ou acidentes nos materiais e também começou a usar mais improvisação durante os seus processos criativos, o que permite uma espécie de abertura enquanto atuam. A outra dupla sentiu-se muito mais confortável em arranjar algum material mais cedo do que normalmente faz.

Algures entre uma abordagem mais matemática de uma dupla e os métodos de improvisação da outra encontramos um novo equilíbrio, uma forma diferente de organizar e compor os materiais. [Esta peça é um dos resultados desta colaboração, mas muitas outras que não são tão visíveis têm tido lugar e continuarão a ter lugar].

Deram à vossa peça um título algo enigmático... Qual é o papel da linguagem no vosso trabalho, que lugar têm as palavras na vossa abordagem à dança?

Sendo o título da performance um palíndromo, relaciona-se com alguns dos conceitos desta obra, tais como duplo, espelho e inversão. É composto por quatro palavras e apresenta-se quase como um enigma sem resposta fixa, nem uma coisa nem outra, abrindo um espaço de ambiguidade e subjetividade que nos pareceu bastante apropriado para esta peça.

Ambas as nossas duplas trabalham muito com linguagem e texto. Utilizamos palavras não só para transmitir um significado, mas também como ferramentas coreográficas e pontuações onde o ritmo e a fonética são tão importantes como o conteúdo. Nesta peça também usamos texto de uma forma mais convencional e quase biográfica. Temos a expectativa de que, ao partilharmos algumas das questões específicas que nos colocamos quando trabalhamos tão intimamente com alguém, estas se possam relacionar com um público. Perguntas sobre a tensão entre a individualidade e o coletivo, onde ideias mais amplas sobre dependência, medo, poder e coragem estão

sempre em jogo; mas também falamos da forma como cada dupla é vista pelos outros, da diluição da autoria e da dificuldade que uma parte significativa da sociedade tem em lidar com dinâmicas de poder partilhado e da sua constante necessidade de um autor individual, numa perpetuação de uma visão romântica da arte.

O tema do duplo está presente em NEVER ODD OR EVEN. O que vos interessa nesta figura, o que vos permite questionar e trabalhar através da dança?

Há algo sobre as relações complementares que nos fascina. Com isso em mente, começámos a olhar para a simbiose entre animais e plantas - criaturas que precisam uma da outra para encontrar um equilíbrio e sobreviver. Esta ideia do duplo também se espalhou pelos outros elementos do trabalho, tais como a luz, os fatos e o espaço. No entanto, não estamos só interessados em olhar para o quão bem combinamos, mas também para o que nos torna diferentes, olhando para as singularidades de cada duo e também de cada pessoa e para a forma como essas diferenças fomentam uma dinâmica coletiva específica. Da mesma forma que cada duo tem a sua própria identidade, o quarteto tem ainda outra identidade, é algo mais. Essa ideia de ser algo mais, ou quase uma antítese do que fomos como duos, é algo que vem do conceito de duplo.

Entrevista realizada em abril 2022, por Yaël Kreplak, para o Festival d'Automne, em Paris



ALKANTARA.PT



26 E 27 NOVEMBRO 2022
DANÇA

NEVER ODD OR EVEN

DE FILIZ SIZANLI & MUSTAFA KAPLAN / SOFIA DIAS & VÍTOR RORIZ
ALKANTARA FESTIVAL 2022

Palco da Sala Luis Miguel Cintra
Sábado e domingo, 19h
Duração: 1h10; M/12
€12 (com descontos)

Codireção e Performance: Filiz Sızanlı e Mustafa Kaplan, Sofia Dias e Vítor Roriz; Desenho de Luz e Direção Técnica: Cárin Geada; Cenografia e Figurinos: Ângela Rocha; Som: Sofia Dias; Administração e Distribuição: Vítor Alves Brotas; Produção: Agência 25; Apoio: Fundação Calouste Gulbenkian

Coprodução: Théâtre de la Ville, Alkantara Festival, La Briqueterie, Teatro Viriato, CCN Nantes, Teatro Municipal do Porto / Festival DDD e São Luiz Teatro Municipal

FINANCIAMENTO



COPRODUÇÃO



PARCERIAS



PARCERIAS MEDIA



APOIOS



APOIOS À APRESENTAÇÃO



Direção Artística Aida Tavares **Direção Executiva** Ana Rita Osório **Assistente da Direção Artística** Tiza Gonçalves **Adjunta Direção Executiva** Margarida Pacheco **Secretária de Direção** Soraia Amarelinho **Direção de Comunicação** Elsa Barão **Comunicação** Ana Ferreira, Gabriela Lourenço, Nuno Santos **Mediação de Públicos** Téo Pitella **Direção de Produção** Mafalda Santos **Produção Executiva** Catarina Ferreira, João Romãozinho, Marta Azenha **Direção Técnica** Hernâni Saúde **Adjunto da Direção Técnica** João Nunes **Produção Técnica** Margarida Sousa Dias **Iluminação** Carlos Tiago, Cláudio Marto, Ricardo Campos, Sérgio Joaquim **Maquinaria** António Palma, Miguel Rocha, Vasco Ferreira, Vítor Madeira **Som** João Caldeira, Gonçalo Sousa, Nuno Saias, Rui Lopes **Operação Vídeo** João Van Zelst **Manutenção e Segurança** Ricardo Joaquim **Coordenação da Direção de Cena** Marta Pedroso **Direção de Cena** Maria Tavora, Sara Garrinhas **Assistente da Direção de Cena** Ana Cristina Lucas **Camareira** Rita Talina **Bilheteira** Diana Bento, João Reis, Pedro Xavier



teatrosaoluiz.pt